

**LETRAMENTOS E PRÁTICA SOCIAL:
UM BREVE RETORNO
AOS MODELOS EDUCACIONAIS DE COPE E KALANTZIS**

Luana Cristina Amorim Roja de Lima (UEMS)

lulu.zinha_amorim@hotmail.com

Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (UEMS)

chaves.adri@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal apresentar algumas concepções sobre o conceito de letramento e suas implicações para as práticas sociais. Para tanto um percurso histórico dos modelos educacionais, segundo Bill Cope e Mary Kalantzis (2012), será brevemente projetado, expondo primeiramente o modelo didático, seguido pelo modelo autêntico e por fim o modelo transformador, sendo este último, o mais adequado para o presente trabalho, visto que as práticas de letramentos podem amparar-se melhor em uma educação transformadora. Outro aspecto a ser abordado é o fato de que os letramentos tratam as habilidades de leitura e escrita além da simples decodificação, na medida em que consideram o sentido como parte da realidade dos sujeitos envolvidos na aprendizagem. Sendo assim, este sujeito tem a oportunidade de refletir sobre suas práticas sociais, podendo também transformar o contexto em que vive.

Palavras-chave: Letramentos. Prática social. Paradigmas educacionais. Ensino.

1. Introdução

Este artigo apresenta uma pesquisa bibliográfica sobre letramentos e prática social no ensino, tendo como esteio os paradigmas educacionais apresentados por Bill Cope e Mary Kalantzis (2012) no segundo capítulo (*Life in schools*)¹³⁸ da obra *New learning – elements of a science education*.¹³⁹

O objetivo deste trabalho é apresentar algumas definições dadas para o termo letramentos, bem como suas primeiras aparições em bibliografias brasileiras. Em certos momentos do texto é possível compreender também as diferenças entre alfabetização e letramento.

Em seguida, o artigo aponta como os letramentos podem influenciar nas práticas sociais dos indivíduos, conferindo sentido ao processo

¹³⁸ Traduzido como "*Vida em escolas*".

¹³⁹ Traduzido como "Nova aprendizagem – elementos de uma educação científica".

de ensino-aprendizagem. Sabemos que por diversas vezes o ensino torna-se desinteressante ao aprendiz a partir do momento que este não consegue estabelecer uma relação entre o que é ensinado na escola e o que é vivido fora dela.

Por fim, o artigo apresenta os três paradigmas educacionais postulados por Bill Cope e Mary Kalantzis (2012), buscando caracterizar cada um desses momentos a fim de que o percurso histórico educacional traçado ao longo dos últimos anos seja melhor compreendido.

O artigo procura relacionar estes três paradigmas com os processos de letramentos e prática social, dando maior enfoque ao terceiro e último paradigma, a saber, a escola transformadora. Isto ocorre pelo fato de que as práticas de letramentos encontram mais espaço neste momento da educação.

2. *Letramentos e prática social*

O termo letramentos vem sendo utilizado recorrentemente no cenário educacional brasileiro, difundindo-se significativamente em discussões e/ou pesquisas atualmente. Segundo Magda Soares (2010), esse termo aparece no país pela primeira vez em 1986 em um livro chamado *No Mundo da Escrita: uma perspectiva psicolinguística*, escrito por Mary Kato, e em seguida em 1988 e 1995 em *Os significados do Letramento* por Ângela Bustos Kleiman.

Os letramentos, segundo Magda Soares (2010), surgiram do termo inglês *literacy*, que vem do latim e significa *litera* (letra), e seu sufixo *cy* (estado ou ser). No entanto, essa palavra está mais próxima do sentido de alfabetização, pois se define por fazer o uso da leitura e da escrita. Para a referida autora:

“literacy” é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Implícita, nesse conceito, está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la. (SOARES, 2010, p. 17)

A partir deste conceito, compreendemos que o termo *literacy*, implica no fato de que o indivíduo além de ler e escrever, também deve se apropriar das práticas sociais e culturais para a real aprendizagem desse processo de alfabetização. Com isso, surge um novo termo, denominado *letramento*, que segundo, Magda Soares (2010), é o resultado do proces-

so de aprendizagem da leitura e escrita: o estado da ação ou a condição que tem um grupo social ou uma pessoa como consequência de poder se apropriar da escrita.

Estudos vêm sendo realizados para melhor compreensão do termo letramentos, além de novas abordagens e a pluralização do termo¹⁴⁰, o que levou a um olhar aprofundado em relação ao seu uso e, além disso, o ensino tradicional, no qual o professor transmite o conteúdo e o aluno escuta “supostamente aprendendo”, ainda encontra espaço nas salas de aula.

Há ainda professores que se mantêm presos a conteúdos e atividades que não fazem sentido ao contexto social do aluno que dessa maneira não consegue entender a importância da aprendizagem, ou seja, não consegue estabelecer uma relação do que é dado com o seu cotidiano.

Nos estudos de Paulo Freire (1996) já se pensava a alfabetização em conjunto com as práticas de letramentos, embora não tendo essa nomenclatura. Ângela Bustos Kleiman (2007) destaca, que na visão freireiana, a alfabetização servia para designar uma prática sociocultural da linguagem escrita, a qual se transformava ao longo do tempo, seguindo as épocas e as pessoas que a usavam, ou seja, os estudos já eram voltados para um ensino em que as aprendizagens sociais e culturais de um indivíduo pudessem ser compartilhadas.

Os letramentos e suas práticas abrangem esferas que estão além dos muros da escola, e mesmo que tenham início nela, é efetivamente praticado fora do contexto escolar, em momentos em que a sociedade exige a leitura e escrita/oralidade consciente do indivíduo. Acompanhando as ideias propostas por Ângela Bustos Kleiman, percebe-se que:

Emergiu, então, na literatura especializada, o termo letramento, para se referir a um conjunto de práticas de uso da escrita que vinham modificando profundamente a sociedade, mais amplo do que as práticas escolares de uso da escrita, incluindo-as, porém. (KLEIMAN, 2005, p. 21)

A definição de Ângela Bustos Kleiman permite inferir que os letramentos, isto é, o uso efetivo e contextualizado das habilidades de leitura e escrita, não exclui o processo de alfabetização dos sujeitos. Os dois conceitos e todas as práticas que os envolvem são complementares e re-

¹⁴⁰ Exemplificados como Novos Letramentos, Letramentos Críticos e Múltiplos Letramentos em Walkyria Monte Mór (2013), Roxane Rojo (2013), Menezes de Souza (2011), Motta-Roth (2012), entre outros.

lacionam-se, seja dentro ou fora do espaço escolar.

Em consonância aos argumentos expostos acima, Walkyria Monte Mór (2013, p. 42) afirma que “as práticas de letramento são o percurso de uma ação social”. Nisto implica dizer que nossas práticas são estruturadas a partir de uma bagagem social que vamos acumulando ao longo da vida, sendo influenciado por aquilo que ‘lemos’ de nossos pais, professores, amigos, mídia.

Essa bagagem /percurso social é o que constitui nossa “vivência social” (MONTE MÓR, 2013, p. 43) e nossa “consciência ou percepção social” (*Idem*, p. 45). Em outras palavras, a partir disso, podemos construir sentidos e reorganizar os conhecimentos que nos são apresentados.

3. Paradigmas educacionais por Bill Cope e Mary Kalantzis (2012)

Os estudos acerca da educação apontam para um longo caminho de transformações e de ruptura com certos paradigmas históricos. Neste sentido, Bill Cope e Mary Kalantzis (2012) procuraram elencar diferentes momentos da educação por meio de paradigmas e assim torna-se possível compreender melhor o percurso e a evolução da escola.

São três os modelos educacionais postulados por Bill Cope e Mary Kalantzis (2012): o didático, o autêntico e o transformador:

[...] nós chamamos esses paradigmas de 'didático', 'autêntico' e 'transformador'. Os paradigmas são apresentados aproximadamente na ordem em que eles apareceram primeiro no cenário educacional. No entanto, não queremos dar a impressão de que essa é uma progressão ordenada. Nós apresentamos uma trajetória geral de mudança, utilizando apenas algumas pinceladas, a fim de tornar as complexidades da história gerenciáveis. Consideramos esses três paradigmas como formas alternativas de pensar a educação. Em qualquer momento e em qualquer ambiente educacional, nem tudo vai se encaixar perfeitamente em um ou outro paradigma. (COPE & KALANTZIS, 2012, p. 40, tradução nossa)

Com efeito, percebe-se que essa divisão em paradigmas educacionais não pode ser vista com rigidez, posto que a escola e a educação não devam ser mencionadas em simples períodos de maneira tão categórica. Contudo, essa é uma tentativa de entender a trajetória pela qual passamos para que, de alguma maneira, possamos transformá-la, evitando erros já cometidos.

O modelo didático caracteriza-se pela ordem e disciplina, pois neste momento da história evidencia-se a educação em massa e todos os

sujeitos são vistos como iguais sem que se respeite a individualidade de cada um. Além disso, a autoridade do professor muitas vezes é imposta e o aluno é passivo ao conhecimento, não contestando ou desenvolvendo autonomia.

Dicotomias também estão presentes; destacam-se o certo e o errado, começo e fim, professor e aluno, silêncio e bagunça, sem que se permitam espaços de negociação, sem meios-terminos. O professor é aquele que transmite o conhecimento, enquanto o aluno apenas o absorve. Ou seja, "O professor está no comando do conhecimento. A missão dele é transmitir esse conhecimento aos aprendizes, e os aprendizes, espera-se, que obedientemente absorvam o conhecimento colocado diante deles pelo professor". (COPE & KALANTZIS, 2012, p. 41, tradução nossa)

Enquanto isso, o modelo autêntico avança e reage à cultura da ordem, levando os alunos a terem um papel mais ativo na sua aprendizagem. "Também é autêntica na medida em que é centrada na criança, fiel aos interesses e motivações do aluno em detrimento das ordens do professor, currículo e livros didáticos". (COPE & KALANTZIS, 2012, p. 54, tradução nossa)

Neste segundo momento, o aluno é considerado igualmente sujeito no processo de ensino e constrói o conhecimento com o auxílio do professor. Existe também uma negociação nestes processos, e aquilo que é aprendido na escola tem relevância para a vida do estudante.

Estas considerações nos remetem ao que dizia Paulo Freire (1996) quando afirmava que o ensino não deveria ser bancário e que:

Nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos. (FREIRE, 1996, p. 13)

Por sua vez, a educação transformadora, apontada como o terceiro e último paradigma educacional, é influenciada pelas mudanças no mundo em que vivemos e pela globalização das informações. A função desta nova forma de aprendizagem é transpor o conteúdo e agregar uma formação de vida que possibilite ao educando a chance de mudar seu contexto social.

É quase impossível para as escolas de hoje evitar a inserção das novas tecnologias, da globalização, da diversidade entre as turmas, da mudança natural no trabalho e cidadania, e das dimensões de deslocamento da subjetividade, identidade e personalidade humanas. As escolas devem estabelecer diálogo

com as mais amplas realidades sociais, simplesmente para que se mantenha relevante. (COPE & KALANTZIS, 2012, p. 60, tradução nossa)

Um aspecto que muito se destaca, na definição dos autores, de uma escola transformadora é justamente o poder de transformação, tanto das chances de vida dos sujeitos da aprendizagem quanto das condições sociais dos mesmos. Existem também novas formas de ensinar e aprender, principalmente por meio das novas mídias e tecnologias.

O ambiente da aprendizagem é colaborativo e os professores / alunos têm novas sensibilidades e necessidades, estando igualmente atentos às mudanças. Os autores apontam que este é um paradigma sem destino claro, além de não ser uma realidade concreta, mas sim um futuro almejado e que está sendo desenhado por meio de estudos e pesquisas.

Assim, com a finalidade de colaborar para que essa transformação ocorra, busca-se investigar como o letramento pode auxiliar na construção desta nova escola, uma escola que possibilite o desenvolvimento cidadão de cada educando.

Sylvia Scribner e Michael Cole (1981) conceituam o fenômeno de *letramento* "... como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos". (SCRIBNER & COLE, 1981 *apud* COSTA, 2004, p. 26)

Percebemos então, que a escola transformadora, em conjunto com os letramentos, constitui-se em um espaço onde a aprendizagem dos conteúdos, a leitura e a escrita são capazes de oportunizar transformações sociais no contexto de vida dos educandos. Segundo Dermeval Saviani (1999) é impossível conceber o que é educação sem que esta seja analisada a partir de seus fatores sociais, isto é, para o autor, a educação possui uma relação de dependência para com as práticas sociais.

Os letramentos, neste contexto, podem exercer um papel muito importante, já que promovem a inserção dos educandos em uma aprendizagem que confere sentidos e que apresenta relevância para a vida deles. Quando o educador utiliza os letramentos para levar os educandos a refletir em suas práticas sociais e na sociedade ao seu redor, ele está gerando oportunidade para que seus educandos mudem suas realidades, transformem as relações de dominação e de marginalização social.

A marginalidade é vista como um problema social e a educação, que dispõe de autonomia em relação à sociedade, estaria, por esta razão, capacitada a intervir eficazmente na sociedade, transformando-a, tornando-a melhor, corri-

gindo as injustiças; em suma, promovendo a equalização social. (SAVIANI, 1999 p. 27)

Em virtude do papel humanizador que a escola e o educador precisam exercer junto aos educandos, é possível afirmar que os letramentos podem gerar novas práticas sociais, otimizando a participação efetiva e consciente dos estudantes no ambiente em que vivem.

Sendo assim, o letramento constitui em uma proposta de imersão do indivíduo na aprendizagem, propiciando a leitura da sociedade na qual ele está incluso ou até excluído, possibilitando a compreensão de sentidos, dos discursos, das relações de poder e das intenções implícitas nos textos e na linguagem.

O letramento social seria, isto posto, ajudar o aluno a lançar um olhar sobre esse mundo, valorizando-se como sujeito humano. Daí a importância do “ato” de ler. Ato não é algo mecânico, é algo dinâmico, que se instaura e se estabelece as relações, é processo de humanização. (LEAL, 2004, p. 54)

De acordo com Sérgio Roberto Costa (2004, p. 27) “aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita e responde adequadamente às demandas sociais de leitura e escrita”. Tal afirmação implica dizer que os letramentos proporcionam a evolução social do educando, isto é, ele se torna capaz de compreender e interferir nas situações que lhe são socialmente impostas.

Ainda para Sérgio Roberto Costa (2004) os letramentos ultrapassam as fronteiras da alfabetização, visto que englobam outros fatores mais complexos que trazem implicações nas experiências do cotidiano de cada um, interferindo em suas práticas sociais, sejam elas individuais ou coletivas. Ângela Bustos Kleiman reforça essa concepção ao afirmar que “Quando se ensina uma criança, um jovem ou um adulto a ler e a escrever, esse aprendiz está conhecendo as práticas de letramento da sociedade, está “em processo” de letramento”. (KLEIMAN, 2005, p. 5)

Com isso vemos que os letramentos podem ser um processo de aprender a viver em sociedade, a usar a escrita e leitura de forma consciente e libertadora, trazendo transformações na realidade de cada indivíduo:

O letramento não é uma abstração. Ao contrário, é uma prática que se manifesta nas mais diferentes situações, nos diversos espaços e nas diferentes atividades de vida das pessoas, permeado por condições reais. O sujeito que não tem o que comer, onde dormir, onde trabalhar, é o mesmo sujeito que não tem o que ler, onde ler e como ler. (LEAL, 2004, p. 53)

Os eventos de letramentos estão presentes em variadas situações, com diferentes sujeitos e em espaços que ultrapassam os muros da escola e interferem na vida de cada sujeito.

Os letramentos ocorrem principalmente na escola, por ela ser um dos agentes mais importantes da sociedade, no entanto ocorre também na família, espaço em que somos culturalmente formados e em vários outros ambientes em que de alguma forma somos permitidos e/ou exigidos a usar a linguagem, sendo ela escrita ou falada, verbal ou não verbal.

Um indivíduo letrado reconhece as brechas para se beneficiar da linguagem e consegue também perceber as intenções, as situações e as relações que estão por trás de cada texto. Quanto ao sujeito letrado, Ângela Bustos Kleiman nos diz que:

Temos usado a palavra “letrado” para descrever um sujeito que participa das práticas sociais de uso da linguagem escrita de sua comunidade, mesmo que ainda não tenha domínio individual da escrita, como seria o caso extremo da criança ainda não alfabetizada ou do adulto analfabeto que mora numa metrópole. (KLEIMAN, 2005, p. 5)

Sendo assim, o indivíduo que se vê presente em práticas de letramentos é um ser emancipado, com poder de escolha na linguagem e com autonomia para se desenvolver enquanto cidadão e participante da sociedade em que vive. Isto é o que Sérgio Roberto Costa (2004) postula ao afirmar que: nem todo sujeito alfabetizado é necessariamente letrado, letramentos vão muito além de ler e escrever o código, são experiências e práticas sociais desenvolvidas.

4. Considerações finais

Este artigo colocou em discussão temas educacionais da atualidade, considerando-se a necessidade de mudanças na educação começando pela preocupação em promover uma aprendizagem significativa para os sujeitos envolvidos nela.

Recentemente, novos aspectos dos letramentos estão sendo estudados e pesquisados, principalmente no que se refere à pluralização do termo. Este fenômeno de pluralização está pautado principalmente na pluralidade da escola e da sociedade como um todo.

Como foi explicitado no início do artigo e ao longo do mesmo, dentre os três paradigmas, nosso enfoque principal recaiu sobre o último deles, isto é, a educação transformadora. Como os próprios autores afir-

mam “Ainda não vivemos a educação transformadora, mas vemos sinais dela. (COPE & KALANTZIS, 2012, p. 61)

Desta maneira, pode-se concluir que, enquanto educadores e pesquisadores, temos a responsabilidade de agenciar mudanças no cenário educacional e desenhar perspectivas que busquem aproximar o conhecimento construído na escola com a realidade vivida pelos indivíduos fora desse espaço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. *New learning: elements of a science of education*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

COSTA, Sérgio Roberto. Interação, alfabetização e letramento: uma proposta de/para alfabetizar letrando. In: MELLO, Maria Cristina de; RIBEIRO, Amélia Escoto do Amaral. (Orgs.). *Letramento: significados e tendências*. Rio de Janeiro: Wak, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KLEIMAN, Ângela Bustos. *Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?* Campinas: Unicamp, 2005.

_____. Letramento e suas implicações para o ensino de Língua materna. *Signo*, Santa Cruz do Sul, vol. 32, n. 53, p. 1-25, 2007. Disponível em: <http://www.letramento.iel.unicamp.br/publicacoes/artigos/Letramento_e_implicacoes_Kleiman.pdf>. Acesso em: 15-03-2015.

LEAL, Leiva de Figueiredo Viana. Sujeito letrado, sujeito total: implicações para o letramento escolar. In: MELLO, Maria Cristina de; RIBEIRO, Amélia Escoto do Amaral. (Orgs.). *Letramento: significados e tendências*. Rio de Janeiro: Wak, 2004.

MONTE MÓR, Walkyria. Crítica e Letramentos críticos: reflexões preliminares. In: ROCHA, Cláudia Hilsdorf; MACIEL, Ruberval Franco. (Orgs.). *Língua estrangeira e formação cidadã: por entre discursos e práticas*. Campinas: Pontes, 2013.

SAVIANI, Dermeval. *Educação e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política*. 32. ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

SCRIBNER, Sylvia; COLE, Michael. *The Psychology of Literacy*. Cambridge: Harvard University Press, 1981.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Magalhães. (Org.). *Letramento no Brasil*. São Paulo: Global, 2004.

_____. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.